

*leis sobre saúde, segurança de alimentos e meio ambiente dos estados-nações têm sido derrubadas por meio deste processo da OMC. Desnecessário dizer que as decisões afetam os países pobres de forma diferente dos países ricos”.*

#### Referências bibliográficas

- 1 Palestra proferida por ocasião do 1º encontro de ciência política, ocorrido nos dias 15 e 16 de janeiro de 2003. Este encontro foi realizado pelo departamento de Ciências Sociais da UFC, que intitulou o intitulo de Tensões Mundiais. Todos os textos apresentados no encontro deverão compor um livro que será editado em 2003.
- 2 Economista, professor da UECE e da Unifor, professor permanente do Mestrado de História da UFC.
- 3 Ver Teixeira, Francisco José Soares. *O Capital e suas formas de produção de mercadorias: rumo ao fim da economia política*. In *A Obra*

- Teórica de Marx: atualidades, problemas e interrogações*. - São Paulo: Editora Xamã, 2000.
- 4 *Jornal do COFECON*, ano 3, nº 8.
- 5 Przeworsky, Adam. *Capitalismo e Social Democracia*. - São Paulo: Companhia das Letras, 1989; p. 258/9]
- 6 *Idem*. *Ibidem.*, p. 258/9.
- 7 Ricardo, David. *Princípios de Economia Política e Tributação* - São Paulo: Nova Cultural, 1985; p. 104.
- 8 Mantega, Guido. *A Economia Política Brasileira* - Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1984; p. 39.
- 9 Chesnais, François. *A Mundialização do Capital* - São Paulo: Editora Xamã, 1996. p.34
- 10 Miriam Limoeiro-Cardoso, *Ideologia da Globalização e (Des)caminhos da Ciência Social*, in *Globalização Excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial*.- Rio de Janeiro: Editora Vozes, 3 ed., 1999;121.
- 11 *Idem*, *ibidem*; p.119

# Trabalho escravo nas tropeadas do sertão

por Solimar Oliveira Lima

Durante longos anos o Nordeste era o litoral. Na costa, banhada por um oceano que insistia em desembarcar moradores, desenvolvia-se, entre a maioria dos habitantes, uma vida acanhada, menos lusitana e mais nativa. A riqueza gerada pelo açúcar concentrava-se em torno de casas que apesar de grandes pareciam perdidas na imensidão de terras verdes das canas e matas virgens. Os rentáveis engenhos faziam prosperar uma parte do Novo Mundo e a opulência de seus senhores. As naus abarrotadas singravam os mares em idas e vindas, e com uma velocidade mansa tornavam o Brasil mais distante da maresia. O fausto dos engenhos fez nascer a pobreza sertaneja.

A disputa por terra entre gado e cana afastou alguns senhores do fértil litoral. Os

animais, tão necessários a produção açucareira, resistiram ao confinamento de sobras de canaviais. Criadores e rebanhos adentraram, então, no inóspito e vasto território dos sertões. As terras apartadas do litoral, como os coevos as denominavam, não resistiram aos obstinados desbravadores. Em pouco tempo rês e vaqueiro estavam tão incorporadas às paisagens como o sol e a seca. Os campos, apesar de abundantes, oferecia pouco quase todo o ano. Homens viviam miseravelmente, feito *tapuias*, e os rebanhos faziam do solo árido campos de engorda e reprodução.

Lentamente, as terras foram ganhando mais fazendas, rebanhos, gentes e vilas. Na região pastoril do São Francisco ao Piauí, dos *campos mimosos* germinaram

as fortunas dos fazendeiros. Do gado tudo se extraía, da pele ao osso, couro, sedém, carne verde e seca, sebo, graxa... Em pouco tempo, do gado tudo se vendia. A exploração econômica do rebanho foi, por séculos, o único elo entre o sertão e o Brasil.

Os rebanhos foram fecundos. Grandes fazendas e cidades constituíram-se a partir do criatório e comercialização. Exemplos são a primeira capital do Piauí, Oeiras, originada de uma fazenda e Juazeiro, na Bahia, de um pasto de descanso de boiadas e tropeiros. Uma das atividades decorrentes do pastoreio era a *tropeada*, e apresentava-se como essencial para a realização da produção, uma vez que era responsável pela circulação da mercadoria. A tropeada consistia, portanto, no transporte de animais para os mercados. No caso da pecuária piauiense, encontravam-se, no Nordeste, especialmente, nos estados da Bahia e Pernambuco e Maranhão. Sendo pois, esta atividade a da comercialização do rebanho, recebeu, desde cedo, tratamento especial dos criadores. Os cuidados começavam pela formação das boiadas e estendiam-se pela mão-de-obra empregada no traslado.

Caso ilustrativo era a comercialização de gado bovino e cavalariço das fazendas públicas. O comércio de *bois escolhidos entre os melhores, gordos e prontos para abate*, pelo menos até 1823, era realizado diretamente com o comprador arrematante na Bahia. O administrador das fazendas nomeava um *passador* que levava as boiadas até a feira de Salvador. Nos anos seguintes, o gado passou a ser arrematado em Oeiras e os compradores se encarregavam do transporte para o mercado consumidor. O transporte de animais para Salvador era um empreendimento que parecia tão lucrativo quanto desastroso. Para cada boi vendido na feira, "perdia-se" um na viagem. Havia desvio de produção e perdas com animais vitimados por comerem plantas venenosas, ataques de insetos, cobras e onças, além de muitos morrerem pelo cansaço da longa viagem que durava, em média, 47 dias.

Vejamos parte de um relatório do passador José Pereira Cunha, criador de uma das fazendas da Nação, de uma boiada das fazendas públicas, de 1794, composta de 251 bois da nação e 25 de sua propriedade. Saindo da Fazenda Serrinha, a tropa enveredou pelos sertões do Piauí, Pernambuco e Bahia. O encarregado declarou que "em um arranco que teve a mesma boiada na Fazenda Buriti fugiram quatro bois, em outro arranco saindo da Jacobina estando a boiada em marcha fugiram dois e ao chegar ao Pasto do sargento Manoel Barbosa fugiu um, na Ladeira da Pimenta fugiu outro que fazem por todos oito fugidos (...) Na fazenda Buriti matara um boi para matulagem, na Rajada matara outro, no Tamboatá, matara outro e no Tanque Paulista outro, vindo a ser quatro o que matara para matulagem (...) Na fazenda das Lages morreram dois bois, na Pinda morreram dois, e ao chegar na Boca da Catinga morreu um, no curral da Tamboatá morreram dois, no curral da Água Funda morreu um, nas Lagoinhas morreram dois e no campo da feira morreu um, que fazem por todos 17 bois mortos (...) Na passagem do rio São Francisco, o Procurador Antônio Duarte refugara sete bois caxingós e cansados, o Procurador da Jacobina Manoel Fernandes refugara por estarem da mesma sorte 27 bois, o Procurador de Itaperú José Antunes refugara 22, o Procurador do Saco do Moura Apolinário da Silva refugara sete e o Procurador do Cajueiro Pedro Ribeiro refugara dois, que por todos fazem 65 os bois refugados (...) No rio do Peixe vendera quatro bois que não puderam caminhar por cansados, no Papagaio vendera da mesma sorte seis, da mesma forma no Tamboatá vendera seis, vendera também 10 em Água Fria por cansados, em Água Funda vendera da mesma forma cinco que por todos fazem 31 os bois vendidos (...) entre os bois fugidos, matulagem, mortos, refugados e vendidos fazem todos o número de 125 restando somente da dita boiada 126 bois com os quais chegara a feira e fizera deles entrega ao marchante José Francisco

arrematador deles em presença do Capitão Manoel Henrique de Carvalho os quais a 4\$800 réis o preço de arrematação importam em 604\$800 réis”.

A tropa do passador José Cunha era formada por cinco cavalos, cinco trabalhadores escravizados e quatro livres, todos tidos como vaqueiros. Eram escravizados o *guia* da tropa, três *cargueiros* e dois *tangedores*. Os livres, eram um índio, um mameluco e um crioulo, todos como *tangedores*, contratados a 12\$000. Acompanhavam ainda a tropa, cinco cavalos. No percurso até Salvados, dois cavalos haviam morrido e um tinha sido furtado. Um trabalhador escravizado tinha ficado doente, “com inchaços” atribuídos a cansaços. Decerto, não era uma viagem fácil. Boa parte do trajeto era realizada pelos trabalhadores escravizados a pé e descalços. Os tropeiros queixaram-se dos calores decorrentes de um ano de poucas chuvas (quando ocorria muita chuva, as reclamações costumavam ser sobre as dificuldades de se atravessar terrenos alagadiços e rios com “enchentes”, onde muitos animais e trabalhadores corriam risco de afogamento). O rebanho era vigiado dia e noite para evitar ataques de animais e arrancos que quando aconteciam em campos abertos exigiam muita perícia e esforço dos trabalhadores para reorganizar a boiada. Poucas horas do dia eram reservadas ao descanso e, à noite, eram feitos rodízios de sentinelas. As pausas maiores destinavam-se às refeições. A alimentação da tropa era composta basicamente de carne-seca assada e farinha. Somente em Salvador é que os tropeiros incorporaram o feijão à dieta. Foram consumidos quatro bois da boiada e comprados, pelas fazendas por onde passaram, alqueires de farinha, sal, milho, este último para os cavalos. Os gastos com a tropeada totalizaram 51\$500 réis, cerca de 8% do valor recebido com a venda dos animais.

Este é um exemplo que aponta para a importância do trabalho de cativos nas tropeadas. Havia a presença do trabalhador

escravizado e a incorporação não era de forma acessória. Das tropeadas especializadas em gado *vacum* e cavalariço, os trabalhadores nelas incorporados passaram ao sistemático movimento de circulação de mercadorias diversas entre cidades e regiões. Mais, especializam-se na atividade, desvinculando-se de outras ocupações desenvolvidas. Pela natureza da atividade, era exclusivamente masculina. Os tropeiros viviam do comércio, de compra e venda dos mais diferentes produtos. Foram responsáveis pelo, quase invisível, comércio interno e representavam, a época, grande avanço na ampliação de mercados e velocidade dos meios de transporte e comunicação. A estrutura social em formação exigia meios modernos e abundantes frente as demandas crescentes das populações espalhadas pelos mais recônditos mercados, especialmente os mais *desenvolvidos* pela intensa circulação monetária.

Das fazendas, pequenos povoados e vilas seguiam produtos como farinha, milho, feijão, melado, aguardente, couros. Os animais partiam ainda na madrugada, com suas *cangalhas* pesadas para destinos perto ou longe e costumavam retornar, após dias ou meses, ao entardecer, na *boca da noite*. Traziam em seus fardos o que o pequeno e grande dinheiro podiam comprar. Abasteciam pobres e ricos com remédios, fumo, açúcar, tecidos grossos, seda e linho, louças, ornamentos para casas, senhores e senhoras e *quiquinharias de enfeites para as mulheres da rua de traz*, estes, talvez, barganhados por uma noite de sexo.

Tropeiros abasteciam, também, quitandeiros e vendeiros. Compravam as mercadorias a vista ou a prazo, adiantando parte da compra e efetuando o pagamento do restante na viagem seguinte. Assim, as tropas exerciam a função de atacadistas e faziam desenvolver o sistema de crédito, baseado na palavra, fé pública do comprador e, evidentemente, um *recibo de dívida*. Predominavam, e parecem indicar as fontes, neste tipo de negócio, as vendas

de ferramentas e utensílios para atividades produtivas. Talvez pelo elevado preço e dificuldade de se conseguir, facilmente, a matéria prima para a feitura de facas, facões, enxadas e foices.

Tropeiros eram afeitos a boas conversas, como todo bom comerciante. Da simpatia, amizade e preços nasciam os lucros. Isolados pelos sertões, vendedores e compradores, não raro reclamavam dos valores impostos. Os comerciantes das mulas e cavalos, já indicavam dominar a regra básica da atividade, comprar barato e vender caro. Indicavam, também, saber utilizar de um trabalho comum em todas as regiões visitadas. As tropas incorporavam negros escravizados e libertos. Costumava-se, sobretudo, utilizar o recurso de *aluguel*. No caso de cativos, o contrato era realizado com o *proprietário* do trabalhador, diferindo da relação desenvolvida com forros, negociação direta. Infelizmente, não temos referência a valores. Certamente dependiam das distancias e tempo de viagem e deviam ser diferenciados quanto a natureza do trabalho e trabalhador. No que respeita a ocupação, eram, salvo engano, todos, carregadores e tangedores.

É crível que o trabalhador escravizado das tropeadas estivessem submetidos as mesmas leis vigentes na sociedade escravista: dominação, exploração e disciplina. Evidentemente, tratando-se da atividade e da "liberdade" propiciada, especificidades deviam compor o quadro das relações sociais ali desenvolvidas. É certo, porém, que cabia ao conjunto da sociedade o controle dos trabalhadores, assim como era exercido na pecuária e cidades.

Os trabalhadores escravizados e forros, não raro, eram alugados para acompanhar viajantes em percursos considerados longos ou *viagens inconvenientes*. Formava-se assim uma pequena tropa para viabilizar o transporte dos pertences e a segurança do passageiro. Contudo, era comum os viajantes somarem-se as tropas em seus percursos rotineiros, onde o *tropeiro condutor* cobrava uma

quantia pela companhia.

As tropas não eram exclusivas ao comercio entre cidades. Muitas possuíam um ou dois proprietários de animais de cargas que eram especializados, especificamente, no traslado de mercadorias de fazendas ou sítios para a sede do município. A atividade era mais intensa nos períodos de estiagens prolongadas, quando havia uma redução significativa de produção agrícola. A farinha, passava a ser o principal produto do estrito comercio interno. Em algumas vilas com maiores dificuldades de abastecimento, chegava a existir, tropas especializadas no abastecimento de água *própria para o consumo*.

Com estas atribuições, podemos, sem exagero, afirmar que as tropas e tropeiros carregaram, por longos anos, o que era preciso para o desenvolvimento e modernidade dos sertões do Piauí, especialmente dinheiro e idéias. Ainda que nas passadas de animais. Este é, sem duvida, um tema que merece estudo aprofundado e debates.

Doutor em História, professor do Departamento de Ciências Econômicas-UFPI, pesquisador do Núcleo de Pesquisas sobre Africanidades e Afrodescendência-IFARDÁ

Expediente:

INFORME ECONÔMICO

Ano 8 - Nº 16 - Agosto/Setembro/Outubro 2004

Reitor: Prof. Pedro Leopoldino Ferreira Filho

Diretor CCHL: Prof. Antonio Fonseca Neto

Chefe de Departamento: Prof. Edson José de C. Lima

Coordenador do Curso de Ciências Econômicas: Prof.

Luiz Carlos Rodrigues Cruz "Puscas"

Coordenação: Econ. Enoísa Veras

Conselho Editorial: Prof. Antonio Carlos de Andrade /

Prof. Maria do Socorro Lira Monteriro / Prof. Samuel

Costa Filho

Projeto Gráfico: MHeN Comunicação e Marketing

Jornalista Responsável: Neulza Bangoim

Tiragem: 1.000 exemplares

Impressão: GRAFISSET 212-2177

Distribuição Gratuita

Endereço para Correspondência: Universidade Federal

do Piauí - CCHL - Campus Ininga - Teresina-PI

CEP.:64.049-550 Fone: 86 215-5788 / 5789 / 5790

Fax.: 86 215-5697

Site: [www.ufpi.br/economia](http://www.ufpi.br/economia)

O novo projeto gráfico é um patrocínio da UFPI e CORECON